

A Venezuela, A *Folha* e Algumas Questões para o Nosso Tempo

Artigo recebido em 02/09/2016 e aceito em 27/09/2016.

Bruno Cesar Cursini^I

O livro *A Folha de S. Paulo e o Governo Hugo Chavez (2002-2005)*, de autoria do pesquisador Tiago Santos Salgado, é uma valiosa contribuição para um melhor entendimento das atividades da imprensa ao longo da história de nosso país, e também para a abordagem de temas como a história do tempo presente e as relações internacionais. Dada a natureza de seu objeto de estudo, este é um livro que direciona o leitor a vários questionamentos fundamentais, tanto acerca da postura das esquerdas latino americanas na atualidade, do posicionamento da grande imprensa - como chamada pelo autor - frente às mudanças na atmosfera democrática da América do Sul na primeira década do século XXI e do papel da Venezuela de Hugo Chavez como personagem expressivo no cenário da diplomacia internacional, quanto acerca da natureza epistemológica da história, sua relação com o passado recente e seus pontos de contato com o jornalismo. Através de uma análise detida das notícias e editoriais do jornal *A Folha de São Paulo*, Tiago Santos Salgado nos oferece uma análise bem fundamentada da interpretação que este veículo de imprensa deu à administração do presidente Hugo Chavez entre os anos de 2002 e 2005, a escolha do recorte temporal motivada pelos inúmeros eventos marcantes que nele tiveram vez: tentativas de golpe, greves, eleições e referendos que acabaram por ganhar muito espaço nos meios de comunicação brasileiros. O livro parte de uma base metodológica lukacksiana, amparando-se em conceitos deste autor para definir elementos-chave dos quais vai se utilizar, tal como a definição de ideologia. Esta seria "dada em virtude de sua função social"^{II} não sendo ilusão ou falsa consciência. Segundo Salgado, a *Folha* "[...] utiliza universais abstratos como único recurso para apreensão da realidade [...]",^{III} tais como populismo, autoritarismo e, sobretudo, democracia.

O primeiro capítulo analisa as bases históricas do desenvolvimento da democracia neoliberal venezuelana e, posteriormente, as razões de seu fracasso. A Venezuela teve a peculiaridade de não se ver envolvida em nenhum golpe militar nas décadas de 1970 e 1980, mas teve, em contrapartida, em 1958, o chamado *Pacto de Punto Fijo*, um acordo tácito entre políticos de diferentes alinhamentos, mas com o plano comum de viabilizar a governabilidade no país. Este período foi marcado pela ilegalidade do partido comunista, forte alinhamento com as políticas norte-americanas, acordos vantajosos para os militares e uma tentativa de abrandar os conflitos sociais por meio de uma lenta, porém constante, melhoria no padrão de vida da população de modo geral. A grande prosperidade econômica da Venezuela - num período quase análogo ao que no Brasil ficou conhecido como "milagre econômico" - e encetada pelos lucros advindos da exploração do petróleo bruto teve fim com a crise da dívida dos anos 1980-1990. O livro atribui a maior parte do drama vivido pelos países da América do sul no período a esta crise.^{IV} As coisas se agravaram em 1982, com a moratória do México, que desencadeou o medo de que isto pudesse se converter em prática generalizada. Assim, instituições como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial passaram a ter grande influência nas questões internas dos países devedores, dando início a uma escalada neoliberal com graves consequências

A VENEZUELA, A FOLHA E ALGUMAS QUESTÕES PARA O NOSSO TEMPO

BRUNO CESAR CURSINI

sociais para a região. O principal nome desta escalada foi o presidente Carlos Andrés Pérez que, apesar das promessas feitas nas eleições, instituiu uma política de desvalorização cambial, restrição monetária, alta de juros e redução da carga fiscal, medida que melhorou a situação dos mais ricos num país sem uma política de imposto progressivo.^V Tudo isto culminou no *Caracazo*, uma autêntica revolta civil com início em 27 de fevereiro de 1989 e que resultou em centenas de mortes. Houve ainda no governo Perez, a tentativa de golpe do então tenente-coronel Hugo Chavez, no ano de 1992. O livro apresenta o exército venezuelano como uma das portas de ascensão social para a juventude mais humilde da Venezuela, e afirma que, uma vez na instituição, esses jovens se viam às voltas com uma realidade culturalmente rica, graças à influência de partidos de esquerda na organização.^{VI} Mesmo com o malogro de sua tentativa de golpe, Hugo Chavez se tornou, a partir deste incidente, uma conhecida figura pública em seu país, principalmente após seu pronunciamento em cadeia nacional de televisão, convocando os correligionários a depor armas e admitindo ter sido derrotado "por enquanto". O governo Pérez encontrou seu fim em 1993, sob acusações de corrupção. Tratava-se não de uma tentativa de melhoria no funcionamento estatal, mas de simples denunciamento como arma de desestabilização política. O presidente seguinte, Rafael Caldera, apesar de seu discurso eleitoral, fez um esforço pactuado com as elites do país para preservar a política *puntofijista* e realizou uma abertura petrolífera que reduziu dramaticamente os *royalties* petrolíferos pagos ao estado. O Livro conclui que o *Pacto de Punto Fijo*, apesar de usar a máscara das eleições regulares, não passava de um modelo político elitista e centralizador, que não se sustentou para além da crise da dívida e da diminuição das rendas do petróleo.^{VII} Tudo isto teria preparado o contexto no qual se deu o surgimento de novas lideranças à margem dos partidos tradicionais.

Ao abordar a eleição de Chavez em 1998 e às mudanças às quais ela levaria a sociedade venezuelana dos anos seguintes,^{VIII} Salgado foca nos aspectos positivos deste processo. As modificações introduzidas pela Constituição de 1999 são elencadas com especial entusiasmo. O projeto chavista de criação de uma democracia participativa em oposição à democracia representativa *puntofijista* parece ser, na visão do autor, o mais adequado para atender às demandas da sociedade venezuelana de então: uma sociedade cujas camadas mais baixas carregavam as marcas dos malogros das décadas de política neoliberal. Todas as medidas do então presidente Hugo Chavez teriam sido tomadas no sentido de ruptura com esta lógica, ampliando o papel e os dividendos do estado, realizando uma aliança civil-militar em proveito da melhoria da qualidade de vida dos integrantes do exército e dos cidadãos comuns e oferecendo, através de um modelo participativo, uma alternativa viável para a já esgotada representatividade partidária.

É a partir do segundo capítulo do livro que a postura da *Folha* recebe enfoque. Devido às reformas político-sociais que vinha introduzindo na sociedade venezuelana, Hugo Chavez passou a sofrer uma oposição cada vez mais mordaz, que culminou numa tentativa de golpe de estado por parte da oposição em 2002, que foi uma resposta, principalmente, à implantação das *Leis Habilitantes*, criadas pelo governo com o fim de rever a distribuição das rendas advindas da exploração estatal do petróleo. O golpe, apesar de conseguir de fato depor Chavez por cerca de 48 horas, malogrou. Salgado mostra como, apesar de reconhecer a existência de um golpe e a ilegitimidade do mesmo, a *Folha* continuou a imputar ao presidente eleito responsabilidade por uma nova escalada de violência na Venezuela.^{IX} O jornal brasileiro emitiu uma série de editoriais e manchetes (várias delas acompanhadas por fotos tendenciosas, conforme ilustra o livro) que coadunavam com os interesses dos grandes *media* venezuelanos, todos contrários ao governo de

A VENEZUELA, A FOLHA E ALGUMAS QUESTÕES PARA O NOSSO TEMPO

BRUNO CESAR CURSINI

Chavez. Mesmo após o fracasso na tentativa de tomar o poder, a oposição da Venezuela continuou com uma série de posturas e ações que punham em risco a estabilidade do país e a continuidade da legalidade democrática. A *Folha* faz um jogo tendencioso quando, ao mesmo tempo em que censurou a oposição Venezuelana por querer agir a margem das instituições, pediu ao governo de Chavez flexibilidade e diálogo.^x A julgar pela opinião deste jornal, apenas o governo deveria se abrir ao diálogo e fazer concessões, enquanto os opositoristas mantinham a rigidez de suas pautas.

O último capítulo talvez seja o mais interessante, pois nele o autor recorre a uma série de obras de referência para investigar as raízes do termo "populismo" e sua aplicação na história das sociedades latino-americanas. Há neste sentido uma ampla literatura e intermináveis tentativas de definição, ou mesmo alegações de que o populismo seria apenas um construto forjado para dar nome a implantações singulares da democracia em nosso continente. Seja como for, este é um termo que surge em profusão nos editoriais da *Folha*. Salgado demonstra que, no ideário político brasileiro, o termo sempre gozou de reputação pejorativa, e seu uso para adjetivar o governo de Hugo Chavez era feito com uma intencionalidade clara, sobretudo se pensarmos que vinha comumente associado a outro termo: massas. A ideia transmitida seria a de um grupo imenso de indivíduos passivamente manipulados por ideias implantadas por uma classe política dirigente que os utilizava como ferramenta de manobra. O autor então problematiza esta atitude atribuída às massas, utilizando sua própria experiência no país e o documentário *A revolução não será televisionada* para demonstrar como o cidadão comum e pouco letrado pode elaborar e defender opiniões por conta própria, dando uma legitimidade *de facto* ao governo eleito de Chavez.

Como conclusão, temos o fato de que a *Folha de São Paulo* sempre teve uma relação complicada com a democracia, tendo se consolidado sob a égide de um regime militar de exceção.^{xi} A democracia liberal-representativa é tida por este grupo jornalístico como valor universal e universalizante; como um fim em si, e não como um meio para a obtenção de melhorias sociais e de condição de vida dos cidadãos. Só isto explicaria o alinhamento com as opiniões do *El Nacional*^{xii} e outros setores da oposição venezuelana, que, desde muito tempo vem demonstrando desrespeito ao voto e também às demandas do cidadão comum.

Notas

^I Formado em história pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Campus de Franca;

^{II} SALGADO, Tiago Santos. **A Folha de S. Paulo e o Governo Hugo Chavez (2002 – 2005)**. Jundiaí, Paco Editorial: 2015, p. 35;

^{III} Ibid., p. 33;

^{IV} Ibid., p. 50 – 57;

^V Ibid., p. 59;

^{VI} Ibid., p. 60 – 61;

^{VII} Ibid., p. 63 – 64;

^{VIII} Ibid., p. 64 – 81;

^{IX} Ibid., p. 90 – 91;

^X Ibid., p. 121 – 122;

^{XI} Ibid., p. 28 – 33;

^{XII} Ibid., p. 105.

Referências bibliográficas

SALGADO, Tiago Santos. **A Folha de S. Paulo e o Governo Hugo Chavez (2002 – 2005)**.

A VENEZUELA, A *FOLHA* E ALGUMAS QUESTÕES PARA O NOSSO TEMPO

BRUNO CESAR CURSINI

Jundiaí, Paco Editorial: 2015.